



IDENTIDADES DE/NA FRONTEIRA

Jair Zandoná¹

Pensar os limites territoriais entre os países no mundo contemporâneo requer estabelecer uma série de considerações, uma vez que não apenas os fenômenos culturais (seja de pessoas, capitais ou bens) advindos do esboroamento dos limites da comunicação, como também as fronteiras tentam – e são – reafirmadas em contextos específicos.

Néstor Canclini (2007) sintetiza bem os processos locais de deslocamento intensificados no último século pela facilidade nunca antes experimentada de trânsito. Para o estudioso,

Os processos globais [...] vêm sendo constituídos pela circulação mais fluida de *capitais, bens e mensagens*, mas também de *pessoas* que se deslocam entre países e culturas como imigrantes, turistas, executivos, estudantes, profissionais, com freqüentes idas e vindas, mantendo vínculos assíduos entre sociedades de origem e de passagem, que não eram possíveis até meados do século XX. (CANCLINI, 2007, p. 58)

É justamente no produto do deslocamento proveniente da migração legal e ou ilegal entre países de fronteira que nos propomos analisar o modo como o cinema leva às telas suas narrativas que, longe do *happy end* hollywoodiano, podem apontar as agruras de partir para o desconhecido, vivendo à espreita da ilegalidade. Para tanto, nos ocupamos de dois filmes que abordam, entre outras temáticas, esse assunto: *Babel* (2006), dirigido por Alejandro González Iñárritu, e *La misma luna* (2007), dirigido por Patricia Riggen. Nesse sentido, o primeiro norteia a vida da mexicana Amelia nos Estados Unidos, babá dos filhos do casal Richard e Susan — que estão em viagem pelo Marrocos. Devido ao incidente e ferimento de Susan, Amelia se vê obrigada a cuidar das crianças por mais tempo do que o esperado às vésperas do casamento de seu filho. Como não conseguiu outra pessoa para cuidar das crianças, ela decide levá-las consigo ao México. Santiago, seu sobrinho, é quem os leva para o casamento.

É nessa viagem que as crianças experimentam pela primeira vez a cultura “materna” de sua babá, que os criara desde quando nasceram. O receio de irem para as terras mexicanas fica discursivamente demarcado quando Debbie conversa com Amelia, ao atravessarem a fronteira:

- Aqui é o México?
- Sim, aqui é o México.
- Minha mãe me disse que o México é muito perigoso.
- É... é cheio de Mexicanos.
- Não fale assim. Não é verdade. Quero dizer, é, é cheio de Mexicanos, mas...

¹ Doutorando em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina.



Nesse curto diálogo entre pessoas de diferentes países — aparentemente, é a primeira vez que as duas crianças têm contato efetivo com a cultura de sua babá, como se esta não lhes compartilhasse suas experiências de sua terra natal —, percebemos o quanto do imaginário construído sobre o México há nessa fala. Nesse sentido, Ella Shohat afirma que “O imaginário é muito real e o real é imaginado. Precisamos constantemente negociar a relação entre o material e sua narrativização.” (COSTA, 2001, p. 156). Isso nos leva a refletir o quanto que o imaginário pode determinar o estabelecimento de conceitos para uma identidade nacional (aqui representada pela mexicana). De acordo com Stuart Hall, “a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo ‘imaginário’ ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre ‘em processo’, sempre ‘sendo formada’.” (HALL, 2006, p. 38) Nesse sentido, o exposto por Hall, no que se refere à construção da identidade enquanto sistema em processo, parece-nos ser atravessado mais fortemente pelo imaginário de fronteira. Sobretudo se considerarmos como os mexicanos são historicamente vistos. Além disso, a pergunta de Debbie nos remete ao tropo espacial de profundidade e superficialidade, em que representa a cultura européia (e aqui estendemos à norte-americana) como sendo profunda e a cultura não-européia é representada como sendo superficial, periférica e também perigosa (SHOHAT, STAM, 2006, p. 205). Daí também o receio das crianças em irem para o México com sua babá.

Ella Shohat em seu texto *A vinda para a América: reflexões sobre perda de cabelos e de memória* sintetiza bem a tensão existente na fronteira norte-americana com relação aos mexicanos, especialmente ao usar o termo “de lá”, expressando o sentido de que não pertencem ao espaço norte-americano:

Os chicanos/as (...) são sempre tratados pela mídia como ontologicamente, quintessencialmente de fora (‘de lá’), apesar de que muitos nem tenham cruzado a fronteira rumo aos Estados Unidos: as fronteiras é que mudaram em torno deles. O primeiro ‘estrangeiro ilegal’, Colombo, é festejado como um descobridor, enquanto mexicanos nativos são vistos como aqueles que se ‘infiltraram’ uma fronteira de arame farpado, fronteira que na verdade divide sua terra natal. (SHOHAT, 2002, p. 103)

Essa tensão está intimamente relacionada à idéia de que a vida nos Estados Unidos é capaz de garantir um futuro melhor para quem está em terras do “tio Sam” e para seus familiares. Amelia vive há dezesseis anos no país e Rosario (de *La misma luna*), há quatro. O que as separa de seu país de origem é uma fronteira seca, muito bem monitorada “do lado de cá” a fim de evitar a chegada de novos clandestinos, o que nos remete à guerra entre os dois países ocorrida no século XIX. Como resultado, houve a construção da linha divisória, de cerca de 4.200 km, dividindo os dois países (TORRES, 2005, p. 721). Gloria Anzaldúa fomenta essa discussão dizendo que a fronteira entre



Estados Unidos e México “*es una herida abierta* em que o Terceiro Mundo range contra o primeiro e sangra” (ANZALDÚA, 1987, p. 3 *apud* COSTA, ÁVILA, 2005, p. 699).

Sobre isso, no site *50 anos de filmes*, uma internauta fez o seguinte comentário após a postagem da crítica sobre *La misma luna*:

Fiquei pensando que as pessoas têm que estar muito desesperadas, desesperançadas ou muito iludidas pra resolverem arriscar a vida numa travessia tão perigosa, levando apenas a roupa do corpo e deixando absolutamente tudo pra trás. Não é porque dá certo pra alguns que vai dar para todos. E mesmo que consigam o tão sonhado green card, vão ser sempre vistos e tratados como latinos, como ‘inferiores’ e acho que vão sempre se sentir como ‘o estrangeiro’, de Albert Camus.²

A essa assertiva, acrescenta-se as dificuldades enumeradas por Néstor Canclini sobre a condição dos imigrantes

o estranhamento, a custosa aquisição de direitos na nova sociedade, a divergência entre formas de pertencimento cultural, jurídico-político e trabalhista. (...) A condição de trabalhador, ao contrário, é a que revela de maneira mais radical o que significa ser estrangeiro. É também aquela em que o trabalho é considerado mais seriamente como um valor. (CANCLINI, 2007, p. 110).

É nesse ponto que reside uma das maiores fragilidades da imigração clandestina. Por estar ilegal no país, somado ao receio de ser deportado/a, o/a imigrante ilegal opta por submeter-se a regras estabelecidas por seus patrões os quais não são, necessariamente, amparadas pelas leis trabalhistas. Exemplo disso é o diálogo entre Amelia e Richard em que, além desse aspecto, inclui os financeiros de hegemonia e poder.

- Mas hoje é o casamento do meu filho, senhor.
- Cancele o casamento. Eu pagarei outro. Pagarei por um melhor. Preciso que faça isso, Amelia.
- Está tudo pronto, senhor. Ninguém pode vir cuidar das crianças? É apenas um dia, senhor.
- Como você acha que eu encontrarei alguém daqui? Susan ainda está se recuperando, e Rachel não pode cuidar das crianças.
- Não pode fazer isso. Espere.
- Estamos contando com você, Amelia. Me desculpe, mas você precisa fazer isso.
- Mas...
- Até logo.

Percebemos então o modo como Amelia é remetida à sua condição de mulher, imigrante ilegal que cruzou a fronteira de seu país e que investiu sua vida em uma rota desenhada pela economia global (SCHMIDT, 2009). Com relação a esse aspecto, Rosario, igualmente ilegal, trabalha em dois empregos na tentativa de juntar dinheiro e dar conforto à sua família. Em determinado momento é surpreendida com a demissão, aparentemente injusta, em um dos trabalhos. No diálogo entre patroa e empregada há a reafirmação do poder por parte da Sra. McKenzie (a patroa) sobre Rosario. McKenzie tira proveito da situação clandestina de sua empregada para

2 Sob a Mesma Lua / La Misma Luna. In: 50 anos de filmes. Disponível on-line em: <http://50anosdefilmes.com.br/2009/sob-a-mesma-lua-la-misma-luna/>. Acesso em 10 de outubro de 2009.



despedi-la sem pagar os honorários devidos. Resignada, incapaz de reivindicar seus direitos trabalhistas, parte na busca de novo emprego:

- O jantar está no forno, Sra. McKenzie. Até amanhã.
- De fato, eu quero falar com você sobre isso. Você está despedida.
- Perdão? Eu fiz algo errado?
- Não, não, não. Decidi experimentar uma pessoa nova.
- Uma pessoa nova? Mas eu preciso muito deste trabalho, Sra. McKenzie.
- Mas você já tem outro trabalho, não é?
- Bem, sim. Mas eu preciso de ambos. Preciso mandar dinheiro para meu filho.
- Pelo amor de Deus, Rosario. Encontrará outra coisa. Porque você é jovem.
- Bem, eu preciso receber pelos últimos dias.
- Eu acho que não.
- Mas eu trabalhei meia semana. Você não pode fazer isto.
- Que vai você fazer, chamar a polícia? Aqui. Ah, eu me lembrei. Você é ilegal, não é? Não é uma boa idéia.

Retomemos o impasse de Amelia ao deparar-se com o atraso dos patrões em retornarem para casa e o casamento de seu filho. Tenta deixar as crianças com alguma amiga que possa cuidar delas enquanto participa da cerimônia. Sem sucesso, vê-se obrigada a levá-las consigo, para que possa participar das festividades e, ao mesmo tempo, cumprir com o que lhe fora imposto. Vejamos o diálogo estabelecido entre Amelia e as crianças e depois com seu sobrinho Santiago:

- Iremos conhecer sua casa?
- Sim. Verão minha casa.
- É longe?
- Não, não.
- (...)
- Como vai?
- Olá, tia.
- Feliz em te ver, Santiago.
- Mike. Debbie.
- Oi!
- Oi, oi.
- Eles são muito tímidos.
- O que? Essas crianças irão conosco?
- Não encontrei ninguém para cuidar deles. Seus pais não voltarão essa noite.
- Por que trazê-los? Eles te deixarão louca.
- Não se preocupe, são boas crianças.
- Não quer deixá-los com alguém? Conheço uma garota que pode cuidar deles.
- Está louco? Tenho que levá-los comigo. Não posso deixá-los com qualquer uma.
- Tem certeza, tia?

O curto diálogo estabelece uma série de significados. Como os pais de Mike e Debbie não retornaram de viagem, Amelia se vê pressionada a renunciar de sua vida para cuidar das crianças, como se sua vida pudesse ser relegada às necessidades e vontades de seus patrões. Semelhantemente, em *La misma luna* Rosario cuida de uma criança que não é a sua. Aliás, Rosario e seu filho estão separados por uma fronteira de impossibilidades. Carlitos sente-se sozinho, a falta



da mãe lhe produz imensa tristeza e falar-lhe ao telefone às 10h de todos os domingos ou compartilhar da mesma lua já não são o bastante para amenizar a saudades que sente: “Minha mãe disse que quando eu sentisse falta dela... Eu deveria olhar para a lua porque ela estaria olhando também... assim eu poderia me sentir perto dela e não ficar tão triste.” É aí que se engendra a principal característica da identidade do imigrante mexicano, que se articula ao próprio ato de estar em movimento. Assim, a fronteira, somada ao ato de movimentar-se, “caracteriza-se como local de fluidez e de hibridização” (TORRES, 2005, p. 722), responsável, portanto, pela “formação” de uma estética identitária nunca experimentada de modo tão extremo³. Ella Shohat pondera que:

Dizer que as identidades não são apenas biológicas, mas são construídas, não significa que elas estejam desprendidas das instituições e das forças políticas e econômicas. Uma vez que tenhamos compreendido que as identidades estão em contínuo movimento, que elas são fluidas, precisamos negociar essa idéia com uma análise do poder e da estratificação. (COSTA, 2001, p. 156)

É nesse ponto que nos propomos a estabelecer leituras e conexões quanto ao processo de deslocamento que colabora com outros dois processos: o de *mestizaje/la mestiza* e o de *identidade ifenizada*. Gloria Anzaldúa afirma que “la mestiza é um produto da transferência de valores culturais e espirituais de um grupo para outro.” (ANZALDÚA, 2005, p. 705). A essa assertiva recuperamos o exposto por Cláudia de Lima Costa e Eliane Ávila em que relacionam a mestiça com um “produto da transculturação, sincretismo e diásporização que criam disjunturas entre tempo e espaço (a fronteira) e deslocamentos dos discursos sobre 'origens' e essências.” (COSTA, ÁVILA, 2005, p. 695). Sendo assim, a *mestizaje* não seria uma identidade baseada na bricolagem cultural, mas seria uma prática de negociação cultural (CANCLINI, 2007, p. 102).

“Rigidez significa morte”, sentencia Anzaldúa (2005, p. 706), e *la mestiza* precisa se mover para fora das formações cristalizadas do hábito, superar a racionalidade que converge para um único objetivo, se afastar dos padrões, buscar ampliar em vez de excluir. Anzaldúa, ela própria uma *mestiza*, testemunha que “eu não tenho país, minha terra natal me despejou; no entanto, todos os países são meus porque eu sou a irmã ou a amante em potencial de todas as mulheres. (Como uma lésbica não tenho raça, meu próprio povo me rejeita; mas sou de todas as raças porque a *queer* em mim existe em todas as raças.)” (ANZALDÚA, 2005, p. 707) Seu depoimento nos direciona ao entre-lugar que *la mestiza* transita, por não estar fixa a lugar nenhum, em nenhuma classificação convencionalmente imposta.

³ Ella Shohat e Robert Stam sintetizam bem a ação do hibridismo: “A celebração do hibridismo coincide com o novo momento histórico dos deslocamentos pós-independência que geraram identidades duplas (franco-argelino, indo-canadense, palestino-libanês-britânico).” (SHOHAT, STAM, 2006, p. 79)



De modo semelhante, Ella Shohat, em entrevista, compartilha sua experiência de imigrante que chega aos Estados Unidos e percebe sua frágil condição ao ocupar um espaço que não é considerado “naturalmente” (no sentido de haver nascido) o seu:

Sobre a minha chegada nos Estados Unidos, eu imediatamente me vi ocupando o espaço da imigrante não branca do Terceiro Mundo e, por causa de minha história, me identifiquei com as mulheres não brancas e posso dizer que o meu trabalho vem dessa identificação. Também sofri perseguição política em New York devido à minha posição crítica em relação a Israel (...). (COSTA, 2001, p. 161)

Sua condição remete, ainda, ao medo latente do “outro”, assim como às fobias existentes pela natureza e pelo corpo (SHOHAT, STAM, 2006, p. 50). Talvez esse seja um dos motivos para que as fronteiras sejam tão massivamente protegidas. Conhecer, regular, delimitar e controlar a entrada do “outro” que não “pertença” àquele lugar, ademais de um exercício de poder, produz um sentimento de segurança nacional. Em *Babel*, isso ocorre quando Santiago decide levar sua tia e as crianças de volta para San Diego. Ao chegarem à alfândega, são interrogados sobre o destino da viagem, sobre a procedência das crianças que fisionomicamente eram diferentes dos dois e têm o carro revistado. Pela reação do policial ao desconfiar de que Amelia seja tia de Debbie e Mike, haja vista as diferenças físicas entre eles, uma com traços latinos bastante acentuados, e as duas crianças de pele branca e loiras. Devido ao modo pouco receptivo e intimidador dos oficiais de fronteira, Santiago decide fugir com o carro, conforme o diálogo que segue:

- Documentos?
- De onde está vindo?
- México. De um casamento.
- De onde é?
- Vale de Guadalupe.
- Vale de Guadalupe.
- E estão indo para onde hoje?
- San Diego. Estamos indo... Estou levando-os.
- Que são eles?
- Sobrinhos dela.
- Sobrinhos dela. Eles não se parecem com você, senhora.
- Não, não, não, não. Sou responsável por eles.
- Você tem o passaporte deles?
- Sim.
- Algum problema?
- Deveria ter algum?
- Espere bem aqui por um minuto.
- Não diga nada. Deixe-me falar.
- Mas você está provocando.
- Estava só brincando.
- Pode abrir a mala, senhor?
- O quê?
- Abra a mala.
- Sim, sim, sim.
- Feche.
- Volte para o veículo.
- Porta luvas, senhora.
- Bolsa?
- Está bem.
- O que agora? Filho da...
- Senhora?
- Disse que era responsável por eles?
- Sim.
- Precisamos da carta de permissão dos pais.
- Carta dos pais?
- O que é isso?
- E aí, querida. Diga-me, essa senhora é sua tia?
- Não, não é.
- Ela está no comando.
- Você está bêbado, senhor?
- Eu?
- Está drogado?
- Não.
- Senhor, vou pedir para que saia do veículo.
- Por quê?
- Preciso que saia do veículo agora. Preciso que saia do veículo agora!
- Senhor, posso explicar?
- Não, não pode!
- Estou te dizendo para sair do veículo!
- Não me faça pedir mais uma vez!



- Espere, senhor. Volte para o veículo.
- O que você vai fazer agora é me seguir para a região de inspeção secundária.
- Posso explicar?
- Não, não pode.
- Senhor, você irá calar a boca e me seguir...
- Eu ouvi... pare de gritar.
- Você estacionará o veículo e sairá.
- Não grite comigo.
- Você irá calar a boca e fazer exatamente como disse. Siga-me!
- Pare de gritar comigo.
- Para fora do veículo como eu disse.
- Calma Santiago, por favor.
- Passando este caminhão, irá virar para a direita e estacionar.
- Temos um fugitivo.
(...)
- O que você está fazendo?
- Tenho um fugitivo! Fronteira de Tecate! Policial Brigg, fronteira de Tecate!
- O que está fazendo, Santiago? O que está fazendo!
- Vê, eu te disse! Você não deveria tê-los trazido.
- Santiago, pare de agir como um louco e pare o carro.
- Por favor, Santiago, pare!
- Cale a boca dessas crianças! Calem a boca!
- Querido, tudo está bem. Não chore.
- Por favor pare, Santiago.
- Filhos da mãe, malditos "gringos" babacas, aí vem eles.
- Saiam. Saiam.
- Está louco? Onde?
- Saiam. Se nos pegarem, estaremos ferrados...
- Vou despistá-los, e depois volto para pegar vocês. Saiam, pelo amor de Deus!
- Santiago, acalme-se.
- Tia Amelia, saia... pelo amor de Deus!
- Saiam, crianças.
- Vamos, vamos, saiam!
- Santiago voltará logo e... o sol irá nascer.
- Quero ir para a casa agora.

Com a fuga, inicia-se uma perseguição policial a fim de impedir qualquer possível contravenção. Em certo momento, Santiago deixa Amelia e os gêmeos no deserto mexicano para que possam regressar aos EUA. Lançados à própria sorte, retomamos outra viagem, a de Carlitos que, na tentativa de encontrar sua mãe em Los Angeles, contrata um casal de irmãos para fazer seu transporte clandestinamente. Isso resulta em várias complicações na trama. Nos interessa, nesse momento, o modo como David e sua irmã são tratados quando tentam passar pela fronteira, rumo aos EUA. Vale frisar que, diferente da situação anterior, neste momento são dois estudantes norte-americanos tentando retornar para seu país:

- Certo, você está pronto?⁴
- Sim.
- O que foi, amigo? Certo, bem, você paga agora? O dinheiro?
- Aqui. Poderia contar?
- Certo. Venha, venha, venha, venha.
- Está tudo aqui.
- Aqui. Me ajude com isto.
- Está zoando? Eles vão revistar o carro. Eu não sei sobre isto.
- Deixa comigo.
- Cuidado com sua cabeça. Certo.
- Você está bem? Pegue a bolsa na parte de trás
- Tenho um mau sentimento sobre isto.
- Não é hora de pressentimentos, David. Vamos nessa.
- Eu só acho que não vale a pena.
- Não vale sua matrícula? Quer deixar a universidade, ou arranjar o dinheiro? A escolha é sua.
- Vamos.
- Certo. Vamos.

4 Decidimos incluir os textos apresentados nas placas de trânsito e informações exibidas para os passantes durante as imagens, pois são significativas por indicar as possíveis rotas e o que é necessário portar para fazê-lo, como por exemplo a documentação que, entre outros registros, identifica a nacionalidade dos sujeitos.

(Fronteira México/EUA - 2 Km. El Paso, Texas - 5 KM)

- Já chegamos?
- Está tão quente!
- Desculpe, amigo. O ar está quebrado.



- Que fila comprida.
- Podemos tomar uma água?
- Não, nós não temos água.
- Deus, faz tanto calor aqui. E se ele desmaiar?
- Shh. Ele não é vai desmaiar.
- E se desmaiar?
- Que calor.
- Deve ficar quieto, Carlitos.
- Bem... Quietos!
- Já estamos quase lá, certo?

(Bem-vindo aos Estados Unidos da América)

- Certo. Aqui estamos
- Certo. Pronto?
- Vamos.
- Boa tarde, oficial.
- Cidadãos mexicanos ou norte-americanos?
- Cidadãos norte-americanos.
- Passaportes.
- Aqui.
- Quanto tempo ficou no México?
- Quatro dias.
- Quatro dias.
- Saia do carro, por favor.
- Eu sinto muito. Algum problema?
- Ainda não.
- Abra o porta-malas, por favor.
- O que fizemos?
- Faça-me um favor.
- Verifique a placa por favor.
- É prá hoje. Vamos, pessoal.
- Calma.
- Abra a porta lateral. Tire a mala e coloca na mesa, por favor.

("Bem-vindos aos Estados Unidos. Por favor tenham em mãos seus passaportes ou identificação.")

- Tudo em ordem.
- Obrigado, oficial.
- Certo. Obrigado.
- Obrigado... Obrigado, oficial.
- Bom.
- Acusou multas de estacionamento.
- Ei, ei, ei! Espere.
- Espera, espera, espera!
- Sabiam que a licença de vocês está vencida?
- E que devem algumas multas.
- O quê?
- Parece que pernoitarão aqui em El Paso.
- Vamos rebocar seu carro.
- Não, não, não. Senhor, bem... somos estudantes universitários dos EUA., e...
- Você não pode pagar as multas.
- Bem, você sabe como é.
- Sim. Mas para viajar ao México você tem.
- Vamos pagar. Me dê o dinheiro.
- Senhora, podemos pagar?
- Oficial, por favor.
- Senhora, podemos pagar agora.
- Senhor, vai nos deixar pagar as multas agora?
- Há um hotel barato em El Paso a duas quadras do DETRAN. Pode pagar sua multa lá. O DETRAN abre às 08:00 em ponto.
- Senhorita, não posso acertar esta multa com você?
- Não, você não pode. Desculpe.
- Saia do carro.
- Podemos ir de carro?
- Leve seus pertences com você. Fechem as portas. Levantem os vidros. Vamos. Devem sair.
- Precisamos do nosso carro.
- Vamos. Estão atrapalhando. Não temos o dia inteiro.
- Certo, já vou. Estou indo. Estou indo.

Como Carlitos não suportava mais esperar que sua mãe encontrasse uma maneira de buscá-lo e fazer com que pudessem viver juntos nos EUA, tentou fazer a travessia com seus próprios meios, mas não contava com as burocracias da fronteira. Não foi pego, naquele momento, pela polícia de migração, pois estava escondido em um fundo falso do assento traseiro do carro. Apesar disso, os estudantes ficaram retidos por causa de multas atrasadas. Como Carlitos estava determinado e não podia ser surpreendido pela fiscalização, decidiu seguir viagem a fim de chegar ao seu destino.

Narrar o trânsito dessas personagens faz-se importante porque nos reporta ao segundo processo advindo do deslocamento: a *identidade ifenizada*, entendida como sendo advinda desse



deslocamento (usada no singular mas que não se reduz a apenas um), em que o sujeito, embora em outro lugar que não o seu de nascimento, mantenha traços de si, vividos anteriormente, mantidos de modo consciente ou não (lembramos que Amelia e Rosario vivem já há vários anos nos EUA). Para Ella Shohat, cada “cadeia de hífen implica uma história complicada de identidades aglomeradas e pertencimentos fragmentados, enquanto deslocamentos múltiplos geram 'destilações' diferentes da identidade imigrante.” (SHOHAT, 2002, p. 107). Por esse motivo, o papel da memória é tão importante na construção de identidades ifenizadas (SHOHAT, 2002, p. 102). Nesse sentido, música, língua, fotografia, culinária, histórias, etc. compõem o prisma da identidade ifenizada, exemplificada em *La misma luna* pela música ouvida e cantada por Carlitos em sua viagem para Los Angeles ou como Amelia tenta sustentar seus laços familiares mesmo vivendo em outro país há 16 anos. As características físicas dos nativos mexicanos que vivem em terras norte-americanas também “denunciam” sua procedência estrangeira. Sobre a marca de imigrante que os sujeitos carregam ao estar/morar em outro país, Shohat complementa que

A fala inglesa com sotaque marca também o corpo imigrante como possuidor de uma geografia misteriosa ou ameaçadora. Mesmo quando o corpo de alguém cruza o Atlântico, o sotaque permanece. A persistência do sotaque é o que normalmente distingue, na esfera pública, o imigrante asiático do asiático-americano de nascença. Estar ao mesmo tempo 'dentro' e 'fora' deixa o imigrante em um espaço ambivalente. (SHOHAT, 2002, p. 106)

É justamente a propriedade de estar ao mesmo tempo dentro e fora de um espaço é que faz do imigrante ilegal um sujeito socialmente subalterno, legalmente rechaçado. Amelia, ao encontrar as autoridades norte-americanas depois de sair do deserto, pede ajuda para encontrar as crianças:

- É um milagre termos achado aquelas crianças, senhora. Não sei como pôde deixá-las sozinhas no deserto desse jeito.
- Como elas estão, senhor?
- Isso não é da sua conta. Sabe quantas crianças morrem todo ano tentando cruzar essa fronteira?
- Eu criei essas crianças desde quando nasceram. Cuido delas dia e noite. Os alimento no café da manhã, almoço e janta. Brinco com eles. Mike e Debbie são como meus próprios filhos.
- Mas não são, senhora. E mais, você têm trabalhado nesse país ilegalmente.
- E quanto ao meu sobrinho, Santiago?
- Não temos nenhuma informação dele. Encontramos o pai no Marrocos. Ele estava bem nervoso, mas decidiu não dar queixa.
- Obrigado.
- No entanto o governo dos Estados Unidos considerou que você infringiu a lei, e foi determinada uma imediata e definitiva deportação.
- Senhor, eu estive aqui por 16 anos. Tenho minhas coisas aqui. Aluguei uma casa. Fiz uma vida aqui, senhor.
- Deveria ter pensando nisso antes.
- Quero falar com um advogado.
- Se está decidida a levar isso para o tribunal, eu garanto, só estará prolongando o inevitável. Recomendo que aceite a deportação de modo voluntário.



Desse episódio resulta sua “voluntária” deportação e que nos remonta ao exposto por Shohat sobre a anti-imigração norte-americana e que, por ora, é uma possível resposta a algumas discussões aqui levantadas sobre os impedimentos do livre deslocamento dos sujeitos:

A histeria anti-imigrante pode ser vista como uma fobia contra a percepção inquietante de que 'a nação' pode não ser e nunca ter sido uma entidade fixa, um núcleo de brancura ao qual outras 'cores' foram posteriormente adicionadas. As cores estavam lá desde o princípio. Na verdade, por muitos milênios (período eurocentricamente chamado 'pré-colombiano', como se todo um hemisfério estivesse simplesmente esperando Colombo chegar), o branco é que foi a cor ausente. Todas as ondas de imigração neste país mexeram com a ansiedade nacional, não só por causa de suas implicações sociais óbvias mas também por causa de questões mais sutis sobre o que é a 'americanidade' e sobre quem pertence à 'família americana'. (SHOHAT, 2002, p. 116)

Embora tenhamos esboçado uma postura pessimista quanto à imigração, especificamente México-EUA, parece-nos improvável que seja possível frear ou simplesmente impedir que o movimento de deslocamentos por todo o mundo seja, de algum modo, ou definitivamente, impedido. Não há mais a ingênua possibilidade de querer reduzir um país a uma raça ou etnia. É preciso pensar no entrecruzamento fluido que há entre chegadas e partidas, encontros e desencontros.

Referências

- ANZALDÚA, Gloria. La conciencia de la mestiza: rumo a uma nova consciência. *Rev. Estud. Fem.* 2005, vol.13, n.3, p. 704-719.
- BABEL*. Alejandro González Iñárritu (Dir.). EUA-México, 142 min., 2006.
- CANCLINI, Nestor Garcia. *A globalização imaginada*. Trad. Sérgio Molina. São Paulo: Iluminuras, 2007.
- COSTA, Claudia de Lima. Feminismo Fora do Centro: Entrevista com Ella Shohat. *Rev. Estud. Fem.* 2001, vol.9, n.1, p. 147-163.
- COSTA, Claudia de Lima; AVILA, Eliana. Gloria Anzaldúa, a consciência mestiça e o "feminismo da diferença". *Rev. Estud. Fem.*, Florianópolis, v. 13, n. 3, Dec. 2005, p. 691-703.
- LA MISMA LUNA*. Patricia Riggen (Dir.). EUA-México, 106 min., 2007.
- SCHMIDT, Simone Pereira. *O desencando das “mulheres-sós”*: Lisboa e Paris não te amam. 2009 (Texto inédito).
- SHOHAT, ELLA. A vinda para a América: reflexões sobre perda de cabelos e de memória. *Rev. Estud. Fem.*, Florianópolis, v. 10, n. 1, Jan. 2002, p. 99-117.
- SHOHAT, Ella; STAM, Robert. *Crítica da imagem eurocêntrica*. Trad. Marcos Soares. São Paulo: Cosac Naify, 2006.



Sob a Mesma Lua / La Misma Luna. In: *50 anos de filmes*. Disponível on-line em: <http://50anosdefilmes.com.br/2009/sob-a-mesma-lua-la-misma-luna/>. Acesso em 10 de outubro de 2009.

TORRES, Sonia. La conciencia de la mestiza /towards a new consciousness: uma conversação inter-americana com Gloria Anzaldúa. *Rev. Estud. Fem.*, Florianópolis, v. 13, n. 3, Dec. 2005, p. 720-737.